



ARTIVISMO NA DANÇA COMO PROCESSO DE CRIAÇÃO: por uma pedagogia a/r/tográfica

Artivism in dance as a creative process: towards an a/r/tographic pedagogy

Jonas Karlos de Souza Feitoza¹

RESUMO

Esta pesquisa expõe a intersecção entre dança e política, analisando como a prática artística se configura como ato de resistência e emancipação em diálogo com as dimensões sociais e culturais na contemporaneidade. Fundamentado na *Prática como Pesquisa* (Fernandes, 2018; 2013) a partir da docência universitária, o estudo adota uma abordagem artístico-pedagógica amparada na *A/r/tografia* (Dias; Irwin, 2023), integrando as identidades de artista, pesquisador e professor. O estudo atravessado pelo conceito de ativismo (Raposo, 2015), explora como o comprometimento político e as experiências cotidianas promovem insurgências para a composição em dança. Como objeto de análise, apresenta-se o processo de criação coletiva do espetáculo *Aterror* (2024), concebido a partir de julho de 2024 com 28 integrantes, estudantes da Licenciatura em Dança e comunidade externa à universidade. A iniciativa, vinculada ao projeto de extensão Estudos Contemporâneos em Dança, promoveu discussões sobre a crise climática e a devastação ambiental.

Palavras-chave

Dança; Ativismo; Prática como Pesquisa; A/r/tografia.

ABSTRACT

This research explores the intersection between dance and politics, analyzing how artistic practice is configured as an act of resistance and emancipation in dialogue with contemporary social and cultural dimensions. Grounded in Practice as Research (Fernandes, 2018; 2013) from a university teaching

¹ Docente da Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe – UFS. Doutor em Artes/USP. Mestre em Dança/UFBA. Doutorando em Educação/UFS, jonaskarlos1@gmail.com



perspective, the study adopts an artistic-pedagogical approach supported by A/r/tography (Dias; Irwin, 2023), integrating the identities of artist, researcher, and teacher. The study, traversed by the concept of activism (Raposo, 2015), explores how political commitment and everyday experiences promote insurgencies in dance composition. As an object of analysis, the collective creation process of the performance *Aterrorar* (2024) is presented, conceived from July 2024 onwards with 28 participants, students of the Dance Degree program and members of the community outside the university. The initiative, linked to the Contemporary Studies in Dance extension project, promoted discussions about the climate crisis and environmental devastation.

Keywords

Dance; Activism; Practice as Research; A/r/tography.

Introdução

Este artigo suscita o ativismo na dança a partir de um processo de criação coreográfica que ressalta a importância de uma pedagogia a/r/tográfica. Ao investigar a intersecção crucial entre a prática artística e a esfera social/ambiental, o texto reafirma o potencial da composição como ato de resistência e campo de manifestação social. Nesse contexto, a dança é abordada como um corpo-político — um território capaz de engendrar reflexões críticas a partir da cena e de fomentar ações coletivas que transformam o fazer artístico em um exercício de cidadania e insurgência.

O estudo contemporâneo em dança consolida-se como um território fértil para o tensionamento de questões urgentes que atravessam a experiência humana. No centro da intersecção entre o posicionamento sociopolítico e a linguagem coreográfica, as artes da cena emergem como um campo de ação estratégica e reflexiva.

Sob essa ótica, este texto apresenta o espetáculo *Aterrorar* (2024), idealizado como um posicionamento artístico/pedagógico à crise climática e à devastação ambiental que marcaram e marcam o tempo presente no cenário nacional. A iniciativa congregou 28 integrantes, entre discentes da Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e membros da



comunidade externa, pertencentes ao projeto de extensão "Estudos Contemporâneos em Dança", que operou como contexto pertinente para essa investigação.

Iniciado em julho de 2024, o processo de construção coletiva do espetáculo utilizou o ambiente universitário como laboratório de experimentação. Após a sua estreia, em outubro de 2024, no Centro de Cultura e Artes da UFS (CULTART), a produção de *Aterrar* (2024) expandiu seu alcance para além dos muros acadêmicos, circulando pelo interior do estado de Sergipe. Essa itinerância tem promovido espaços de mediação cultural e rodas de conversa, transformando o palco em um fórum público onde a temática da criação se funde à urgência da preservação ambiental.

A investigação metodológica desta pesquisa fundamentou-se na *Prática como Pesquisa* (Fernandes, 2018; 2013), compreendendo o processo criativo como um eixo gerador de conhecimento epistemológico e sensorial. Nessa perspectiva, a sala de ensaio e a cena não são considerados apenas espaços de execução, mas laboratórios de reflexão crítica em movimento, onde as tensões socioambientais se converteram em estados de corpo e presença.

A metodologia articulou a escuta sensível do movimento à análise crítica, utilizando registros de ensaios, relatos de experiência e as mediações culturais realizadas nas itinerâncias como fontes primárias de dados. Assim, a pesquisa permitiu que a teoria política e a urgência ecológica fossem tensionadas através do corpo, transformando a prática artística em um modo de investigar a realidade e produzir saberes que emergem diretamente da experiência vivida.

O arcabouço conceitual do estudo entrelaça-se, também, ao pensamento do antropólogo, sociólogo e filósofo, Bruno Latour (2020). Esse entrelaçamento ocorre, especialmente, na discussão sobre o Antropoceno e a necessidade de aterramos um novo senso de pertencimento político e planetário. Diante da falência de um futuro comum e do isolamento promovido pelas elites globais, a obra propõe uma micropolítica artística que confronta o



negacionismo. Somado a isso, o conceito de ativismo, conforme proposto por Raposo (2015), fundamenta a prática como um ato de subversão estética e reivindicação social.

O espetáculo *Aterror* (2024)

O projeto de extensão Estudos Contemporâneos em Dança constituiu o suporte institucional e pedagógico desta investigação, operando como um espaço de exploração das múltiplas percepções nos estudos contemporâneos em dança. Com atividades sediadas no Centro de Cultura e Artes (CULTART) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) no período de 13/02/2024 a 17/04/2025, o curso promoveu encontros semanais, às terças e quintas-feiras, com carga horária semanal de 08 horas, voltados ao diálogo entre artistas e docentes residentes em Sergipe. A proposta central da iniciativa foi fornecer subsídios técnicos e teóricos que permitiram aos participantes compreender um outro modo de produção em dança, pautado em moveres políticos, articulando estudos sobre o corpo e as políticas do movimento em interface com outras áreas do conhecimento (Antropologia e Filosofia).

Foi nesse horizonte de estudos que, em julho de 2024, iniciou-se o processo de montagem do espetáculo *Aterror*. A concepção da obra foi proposta pelo coordenador e professor do projeto, docente do Departamento de Dança da UFS, e contou com a monitoria direta de um discente da Licenciatura em Dança, estabelecendo uma estrutura de colaboração entre ensino, pesquisa e extensão. A partir dessa liderança docente-discente, as aulas ocorreram de modo coletivo, onde a urgência da crise climática passou a ser o motor para a investigação coreográfica dos 28 integrantes, articulando os pressupostos teóricos do projeto com o livro *"Onde aterror? Como se orientar politicamente no Antropoceno"*, de Bruno Latour (2020), que aborda a crise climática e a busca por um novo senso de pertencimento. Latour afirma que a globalização, o aumento das desigualdades e as mudanças climáticas são sintomas de uma mesma situação histórica, na qual as elites, percebendo que



não há espaço suficiente na Terra, desistiram da ideia de um futuro comum.

Ao mergulhar em questões ambientais e fundamentais para assumirmos um compromisso político no fazer em dança, o processo de criação de *Aterrar* (2024) suscitou provocações que impulsionaram a reflexão coletiva, tais como: qual o nosso comprometimento em meio a essa política da devastação e como podemos construir um território mais habitável para as presentes e futuras gerações? Essa investigação crítica/estética/pedagógica desenvolveu-se ao longo de quatro meses de imersão, culminando na estreia em outubro de 2024, no departamento de dança da universidade.

Os laboratórios de criação ocorreram a partir de improvisações, tecendo relações com materialidades (plásticos e areia fina) e com palavras-chave que atravessaram a montagem do espetáculo, dentre elas: aterramento e poluição. Sete metros cúbicos de areia fina e 02 rolos de Plástico Bolha com 1,20x25m, foram utilizados na cena do espetáculo, compondo elementos cênico centrais da sua poética.

Figura 1 – Espetáculo Aterrar (2024)



Fonte: Compilação de fotos, arquivo pessoal do autor (2026).

#paratodomundover - Montagem com três fotos. Na imagem de cima, um grupo grande de pessoas está junto, formando um círculo. Elas usam roupas claras e leves feitas por plásticos. A luz é vermelha. Na imagem de baixo à esquerda, há uma plateia sentada em cadeiras de plástico, vista de costas, assistindo a apresentação em um espaço aberto. Na imagem de baixo à direita, há um monte de areia. Duas pessoas estão em cima dele, próximas a um muro e a uma escada.



A composição cênica do espetáculo trouxe desafios logísticos ao deslocarmos sete metros cúbicos de areia fina e rolos de plástico bolha para o espaço da cena. Essas materialidades constituíram a base poética/política e sensorial da obra, simbolizando o embate direto entre o orgânico e o sintético, o duradouro e o descartável. Assim, a cenografia operou como uma extensão do argumento crítico de *Aterror* (2024), transformando o espaço de apresentação em um campo de batalha tátil onde a urgência da preservação ambiental foi materializada pelo contato direto e exaustivo com a matéria.

A Prática como Pesquisa e a A/r/tografia na Docência Universitária

A *Prática como Pesquisa* (PaR) estabelece que o fazer artístico não é apenas um objeto a ser analisado, mas o próprio veículo de produção de conhecimento. Nessa perspectiva, a investigação ocorre com a imersão ao tema proposto e problematizado, onde o corpo em movimento e a cena funcionam como laboratórios vivos de experimentação teórica/prática. Segundo Fernandes (2013, p. 20), esta abordagem busca "uma escrita com dança, e não sobre a dança, de modo que a prática artística seja o próprio corpo da pesquisa". Assim, a PaR valida o saber sensível e as descobertas que emergem do ensaio são dados legítimos, rompendo com a hegemonia da pesquisa positivista.

Seguindo esse raciocínio de uma pesquisa que emerge da prática, encontro na A/r/tografia uma metodologia de investigação baseada em artes que se sustenta na indissociabilidade das identidades de artista (*artist*), pesquisador (*researcher*) e professor (*teacher*). Ela não busca resultados lineares, mas habita os espaços entre (*in-between*) essas funções, valorizando o processo e a subjetividade de quem educa e cria simultaneamente. Conforme definem Dias e Irwin (2023, p. 25), "a a/r/tografia é uma metodologia que interroga o mundo através de um processo de busca contínuo nas artes e no ensino". Portanto, ser um a/r/tógrafo implica reconhecer que a prática pedagógica na universidade é, em si, um ato criativo, crítico, investigativo e



deve, também, ser político.

A convergência entre a *Prática como Pesquisa* e a A/r/tografia ocorre no reconhecimento do processo como lugar de fala político e epistemológico. Enquanto a PaR oferece o rigor metodológico para que a criação do espetáculo *Aterrar* (2024) seja lida como produção de ciência, a A/r/tografia fornece a moldura ética para que essa criação ocorra dentro da sala de aula universitária de forma horizontal. A relação reside na pesquisa encarnada: em ambas, o pesquisador não observa o fenômeno de fora; ele se coloca em risco, utilizando seu próprio corpo e sua atuação docente como solo fértil para tensionar questões como a crise climática, por exemplo. Nessa intersecção, o palco e a sala de aula se fundem em um território de ativismo, onde o conhecimento produzido é indissociável da experiência vivida socialmente e coletivamente.

A indissociabilidade entre o criar, o investigar e o educar constitui o cerne desta investigação, encontrando na *Prática como Pesquisa* (PaR) o suporte para validar o fazer artístico como produção de conhecimento legítimo. Ao transpor essa perspectiva para a docência na Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe (UFS), a sala de aula e os projetos de extensão, como o "Estudos Contemporâneos em Dança", deixam de ser locais de mera transmissão técnica para se tornarem campos etnográficos e laboratórios de experimentação política.

De modo complementar encontro na A/r/tografia (Dias; Irwin, 2023) uma base metodológica coerente com as identidades de artista (artist), pesquisador (researcher) e professor (teacher) que se entrelacem sem hierarquias, operando no que as autoras denominam como "terceiro espaço" ou "zonas de fronteira". Na experiência com o espetáculo *Aterrar* (2024), a a/r/tografia permitiu que o papel docente fosse ressignificado: em vez de um mestre detentor do saber, o professor atua como um propositor que habita as mesmas incertezas do processo criativo junto aos discentes e à comunidade externa. Essa postura exige uma abertura para o imprevisto e para o conhecimento sensível, transformando a prática pedagógica em uma forma de escrita



encarnada que documenta as transformações subjetivas de todos os envolvidos.

Assim, a articulação dessas metodologias no ensino superior configura uma pedagogia fundamentalmente emancipatória. Ao integrar a investigação de temas urgentes, como a crise climática e outras questões sociais, à rotina acadêmica, a a/r/tografia possibilita que o docente-pesquisador utilize sua própria prática como motor de insurgência. O resultado é uma docência que não apenas forma profissionais da dança, mas cultiva sujeitos críticos capazes de perceber o movimento como uma ferramenta de resistência e de reconfiguração do mundo, onde o compromisso ético e político se manifesta na presença e no gesto compartilhado em cena.

Uma Dança Artivista por uma Pedagogia A/r/tográfica

Sabemos que o termo ativismo surge da aglutinação entre as palavras arte e ativismo, designando práticas estéticas que são, intrinsecamente, formas de ação política e resistência social. Embora suas raízes remontem às vanguardas históricas e aos movimentos de contracultura, o conceito ganha contornos teóricos robustos em campos como a Antropologia, a Sociologia e os Estudos da Performance.

Um dos principais expoentes na sistematização desse termo em língua portuguesa é o antropólogo português Paulo Raposo (2015), que o define não apenas como uma temática política nas artes, mas como uma estratégia de articulação de dissidências e criação de insurgências. Nessa perspectiva, o ativismo desloca a obra de arte da exclusividade dos espaços museológicos ou convencionais para o espaço público e para o corpo, transformando o fazer artístico em uma ferramenta de intervenção direta nas estruturas de poder e na sensibilidade coletiva.

O ativismo, conforme proposto por Raposo (2015), configura-se como uma zona de intersecção onde a criação estética e a ação política se fundem para gerar insurgências no espaço público. Longe de ser uma arte meramente



ilustrativa ou panfletária, o ativismo utiliza a performance e a presença do corpo para tensionar consensos e dar visibilidade a causas sociais urgentes. Para o autor, essa prática reside na capacidade de transformar o gesto artístico em um ato de desobediência criativa, onde o fazer artístico é indissociável de um compromisso ético e cidadão.

A partir desses atravessamentos, uma dança ativista é aqui proposta como uma prática que recusa a ausência de pensamento crítico na criação e apresentação em dança. Diferente de uma composição meramente representativa de temas sociais, o ativismo na dança opera na fricção entre a composição coreográfica e temas sociais, transformando o corpo em um território de denúncia e proposição.

Importante ressaltar que o antropólogo Raposo (2015) afirma que essa modalidade de criação não busca apenas a contemplação do público, mas a provocação de rupturas no sensível, utilizando o movimento para tatear feridas coletivas — como, por exemplo, as questões suscitadas no espetáculo *Aterror* (2024): a crise climática e a devastação ambiental. Assim, a dança ativista configura-se como corpo-político que opera em estado de alerta, onde a coreografia se torna um fórum público de estratégia e resistência, capaz de pautar novas formas de habitar e sentir o mundo na cena de dança comprometidos com procedimentos políticos e ar/to/gráficos.

O entrelaçamento teórico-metodológico do ativismo com a a/r/tografia propõe uma via pedagógica fundamentalmente emancipatória. Ao valorizar o processo de criação e a prática como fonte de conhecimento, fomentamos a consciência crítica e a agência política com estudantes e comunidade. O intercâmbio mútuo de saberes entre docente e discentes, preconizado pela a/r/tografia, estabelece um ambiente de aprendizagem horizontal, onde cada participante é reconhecido como multiplicador da produção de conhecimento.

Nesta perspectiva, as aulas e os ensaios (laboratórios de improvisação) deixam de ser um local de reprodução de padrões para se tornar um espaço de investigação de subjetividades em relação com os problemas sociais. A



pedagogia baseada na a/r/tografia viabiliza postular que o aprendizado da dança não ocorre apenas na execução de um passo de dança coreografado, mas na reflexão sobre o que esse passo pode reverberar no fazer da cena. Ao reconhecer o conhecimento tácito do corpo como fonte legítima de sabedoria, a prática pedagógica valida as trajetórias de vida dos estudantes, permitindo que suas realidades sociais e políticas atravessem a criação coreográfica e gerem novos sentidos para o mover.

O professor, atuando como a/r/tógrafo, não é apenas um propositor de técnica, mas um co-investigador que se engaja com o estudante na exploração das implicações políticas e sociais do movimento. A prática em sala de aula se desloca do mero treinamento técnico para a investigação de questões cruciais, provocando reflexões do tipo: como constituímos coreograficamente posicionamentos políticos sobre as causas sociais e/ou ambientais? Que dança estamos assumindo no nosso fazer pedagógico/artístico? Essas perguntas movem a criação por um fazer outro na produção em dança.

Ao integrar um fazer ativista com as identidades de artista, pesquisador e professor, especificamente, em diálogo com estudantes e comunidade, a prática docente torna-se uma extensão da militância política, onde a criação de insurgências no campo estético reflete o desejo de transformação nas estruturas sociais. Assim, a pedagogia da a/r/tografia atua como um multiplicador de mudanças, incentivando estudantes a perceberem os estudos em dança como potência de ação e resistência.

Considerações

A articulação dos ativismos no campo da Dança pautada em uma pedagogia da a/r/tografia é mais do que uma escolha metodológica; é um posicionamento ético e político. É um chamado à ação, uma recusa ao silenciamento e uma aposta na potência do corpo em movimento para reconfigurar o mundo. Ao integrar o fazer artístico, a reflexão crítica e a prática



docente, a dança se estabelece como um campo fértil para a transformação social, produzindo conhecimento que é, ao mesmo tempo, estético, pedagógico e profundamente político. O corpo ativista em sala de aula é a materialização da esperança em uma pedagogia capaz de confrontar a hegemonia e de celebrar a dança como força de (des)alienação.

A investigação percorrida neste texto permitiu refletir sobre como a dança, ao desvencilhar-se de convenções estéticas acríticas, assume o seu papel fundamental como corpo-político e ferramenta de emancipação social. A análise aqui empreendida evidencia que a prática artística, quando atravessada por ações ativistas, torna-se um campo de resistência capaz de confrontar hegemonias e dar visibilidade a temas sociais importantes.

Reforço que a metodologia a/r/tográfica mostrou-se essencial para integrar as identidades de artista, pesquisador e professor, permitindo que a sala de aula seja ressignificada como um campo etnográfico e de intercâmbio horizontal de saberes. Este processo não apenas fundamenta a revisão de literatura em curso, mas também corrobora com a experiência como fonte legítima de conhecimento crítico.

Por fim, o entrelaçamento entre as práticas ativistas e a metodologia a/r/tográfica revela-se um caminho significativamente pertinente para uma docência universitária comprometida com as urgências do tempo presente. Ao posicionar o professor como co-investigador das dimensões políticas da coreografia, essa abordagem transcende o possível ensino técnico tradicional e fomenta uma pedagogia da presença. O processo aqui analisado demonstra que a dança, ao 'aterrar' em questões sociais e ambientais, produz saberes que são, ao mesmo tempo, estéticos, pedagógicos e potencialmente transformadores.

REFERÊNCIA

DIAS, Belidson; IRWIN, R. (Org.) **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: a/r/tografia**. 2ª ed. Santa Maria: UFSM, 2023.



FERNANDES, Ciane. **Dança Cristal**: da Arte do Movimento à Abordagem Somático-Performativa. Salvador: EDUFBA, 2018.

FERNANDES, Ciane. **Em Busca da Escrita com Dança**: Algumas Abordagens Metodológicas de Pesquisa com Prática Artística. Dança, Programa de Pós-Graduação em Dança da UFBA, v.2, n.2, p. 18-36, julho/dezembro, 2013.

LATOUR, Bruno. **Onde aterrar?** Como se orientar politicamente no Antropoceno. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LEPECKI, André. **Exaurir a Dança**: performances e políticas do movimento. São Paulo: Annablume, 2017.

RAPOSO, Paulo. **“Artivismo”**: articulando dissidências, criando insurgências. Cadernos de Arte e Antropologia, 2015.